

JEAN JAURÈS E O ENSINO DAS LÍNGUAS REGIONAIS DA FRANÇA

Jean Jaurès and regional languages teaching

Jean JAURÈS

Tradução de Francisco Javier Calvo del OLMO, Universidade Federal da Integração

Latino-Americana

APRESENTAÇÃO

Em 2014, cumpriu-se um século do assassinato do filósofo, pensador e político marxista Jean Jaurès. Fundador do partido socialista francês e membro da Internacional, entre as suas reflexões, a educação popular e o interesse cultural das línguas regionais, sem demérito à língua nacional da França, ocuparam um papel relevante como demonstram os cinco artigos que apresentamos a seguir. A leitura dos textos é complementar e permite estabelecer as referências que Jaurès faz entre eles assim como observar as circunstâncias que motivaram a redação. Cem anos após seu desaparecimento, a defesa do multiculturalismo e da diversidade linguística de Jaurès pode contribuir ao debate em áreas como o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, a intercompreensão entre línguas românicas e os estudos culturais dentro da academia brasileira; atualizando assim aquelas palavras do escritor italiano Carlo Levi: o futuro tem um coração antigo.

Francisco Calvo del Olmo

MÉTODO COMPARATISTA¹

Algumas semanas atrás, no País Basco, tive a ocasião de admirar como uma antiga linguagem, que não se sabe a qual família pertence, tinha desaparecido. Nas ruas de Saint-Jean-de-Luz, não se ouvia falar outra coisa mais que basco, tanto pela

¹ Artigo publicado em francês na *Revue de l'Enseignement Primaire et Primeire Supérieur*. 22e Année, nº3, (15 de outubro de 1911). Disponível em <http://www.pyrenees-pireneus.fr/Culture/Langues/Jaures-et-les-langues-regionales-J.Lafitte.pdf> Acesso em 10 dez. 2014.

burguesia como pelo povo: aparecia com a familiaridade de um passado profundo e misterioso prolongado na vida de cada dia. Qual prodígio fazia com que essa língua tão diferente de todas as demais se mantivesse nesse pedacinho de terra? Porém, quando eu quis conhecer o seu mecanismo, não encontrei nenhuma indicação. Não havia uma gramática da língua basca, nem um dicionário do basco em Saint-Jean-de-Luz onde, no entanto, há boas livrarias. Quando eu interrogava aos meninos bascos, que brincavam na praia, eles tinham o maior prazer em nomear para mim na língua deles o céu, o mar, a areia, as partes do corpo humano, os objetos familiares! Mas não faziam a menor ideia de sua estrutura, e mesmo que vários deles fossem bons alunos das nossas escolas laicas, nunca tinham pensado aplicar à linguagem antiga e original, que eles mesmos falavam desde a infância, os procedimentos de análise que costumavam aplicar à língua francesa. Certamente os professores não os incentivaram a fazê-lo de modo algum. Qual o motivo disso? De onde vinha tal descaso? Já que essas crianças falam duas línguas, porque não ensinar-lhes a compará-las e a distinguir ambas? Não há melhor exercício para o espírito que essas comparações; essa busca de analogias e diferenças em um assunto bem conhecido é uma das melhores formas de preparar a inteligência. E o espírito se faz mais sensível à beleza da língua basca, pela comparação com outra língua, percebe-se melhor o caráter próprio de cada uma, a originalidade de sua sintaxe, a lógica interna que governa todas as partes e que assegura uma sorte de unidade orgânica.

O que é válido para o basco vale também para o bretão. Essa seria uma educação mais sólida e mais flexível para o espírito dos jovens; também seria um caminho aberto, um horizonte histórico ampliado.

Isto é ainda mais válido e surpreendente no caso de nossas línguas meridionais, o lemosim, o languedociano, o provençal! Essas são, assim como o francês, línguas de origem latina e existiria o maior interesse em acostumar o espírito a distinguir as semelhanças e diferenças, discernir a partir de exemplos familiares as leis que dirigiram a formação da língua francesa do Norte e da língua francesa do Sul. Existe para os jovens, sob a orientação de seus professores, a alegria de descobertas fascinantes e inacabáveis. Assim teriam um sentimento mais nítido, mais vivo, do que foi o desenvolvimento da civilização meridional e poderiam apreciar todas aquelas obras fascinantes fruto do gênio meridional. A esse fim, bastaria tomar cuidado para renová-

las um pouco, aproximando-as com levíssimas modificações ao provençal e ao languedociano modernos.

Mesmo sem estudar latim, as crianças observariam aparecer na língua francesa do Norte e na língua do Sul, e à luz da comparação, o fundo comum de latinidade e as origens profundas de nosso povo de França assim esclarecidas, mediante o próprio povo, com penetrante clareza. Levar as nações e as raças à plena consciência de si é uma das mais altas obras de civilização que podem se tentar. A organização coletivista da produção e da propriedade supõe uma forte formação dos indivíduos, todo um sistema de garantias, de cuidados e direitos individuais; do mesmo modo, a realização da união da humanidade só será fecunda e ampla se os povos e as raças, associando seus esforços, engrandecendo e completando a cultura de cada um através das culturas dos outros, mantêm e vivificam, na vasta Internacional da humanidade, a autonomia da sua consciência histórica e a originalidade do seu caráter.

Eu fiquei perplexo ao observar, durante minhas viagens pelos países latinos, que, combinando francês e languedociano, e graças a certo hábito de fazer analogias, conseguia compreender em pouquíssimos dias o português e o espanhol. Eu pude ler, entender e admirar ao cabo de uma semana os grandes poetas portugueses. Nas ruas de Lisboa, ouvindo conversar as pessoas, lendo os cartazes, me parecia estar em Albi ou em Toulouse. Se, pela comparação do francês e do languedociano, ou do provençal, as crianças do povo, em todo o sul da França, aprendessem a encontrar a mesma palavra sob duas formas próximas, rapidamente teriam a chave que lhes abriria, sem muito esforço, o acesso ao italiano, o catalão, o espanhol, o português. Se sentindo em harmonia natural, em comunicação confortável com esse vasto mundo de povos latinos, que hoje, na Europa meridional e na América do Sul, desenvolvem tantas forças e tantas audaciosas esperanças. Tanto para a expansão econômica como para o crescimento intelectual da França meridional, existe aqui uma questão da maior importância e, a respeito da qual, eu me permito chamar a atenção dos docentes.

CIVILIZAÇÃO CAMPONESA²

Semanas atrás, apareceu um romance de M. Boulot, *Os Camponeses (les Pagès)*, onde são descritos os costumes dos camponeses do departamento de Aveyron, e mais particularmente dessa região do Aveyron que está separada do rio Tarn pela foz profunda do rio Viaur. A obra é interessante e as pinturas da vida rural são consistentes e nítidas. Embora pudéssemos repreender-lhes certo grau de arcaísmo. O autor dedica-se principalmente a pintar os costumes tradicionais. Ele bem sabe que uma tarefa profunda de mudança está acontecendo no meio rural, que a antiga estrutura social se desagrega ou está sob ameaça de dissolução, ele mesmo mostra o que hoje tem de precário o lar dos camponeses – os *pagès* – melhor acomodados, que por tanto tempo foi sólido. Na rivalidade que enfrenta, ao longo do romance, dois chefes de família, aquele que sucumbe é o que tem maior número de filhos. A vitória social vai para o que só tem uma menina. Esse é o claro sinal de uma desorganização próxima. Mas M. Énée Bouloc, mesmo prevendo um período novo, parece ter medo de estudá-lo. Ele se volta para o passado. Ele se detém na descrição detalhada da colheita com mangual. Nem uma só vez no livro se escuta o arquejo das máquinas, não faz a menor alusão às transformações econômicas, morais e sociais que estão ocorrendo, ao progresso da cultura intensiva nos campos do Ségala, nessas regiões do Aveyron, outrora incultas e estéreis, vivificadas graças aos fertilizantes trazidos pelas ferrovias. Não dá atenção para os problemas novos que surgem, para as atividades novas que se manifestam e as formas sociais ainda incertas que se esboçam.

A superioridade do realismo de Balzac reside no estudo que ele sempre faz da sociedade em movimento, ele coloca uma lupa sobre os germes ainda obscuros para surpreender a crepitação deles, que prolonga e amplifica através do pensamento, da paixão, movimentos apenas começados dos quais se apropriam os espíritos ousados e as vontades aventureiras. A maior parte dos romancistas que hoje em dia falam das coisas da terra tem um acento pessimista e abatido. M. René Bazin, que por outro lado faz um

² Artigo publicado em francês na revista *La Dépêche de Toulouse*, n° 15.047, (20 setembro 1909). Disponível em <http://www.pyrenees-pireneus.fr/Culture/Langues/Jaures-et-les-langues-regionales-J.Lafitte.pdf> Acesso em 11 dez. 2014.

desenho claro e de intenso colorido na sua sobriedade, fala da “terra que morre”, como se ela não renascesse sob outras formas, como se não fosse mais produtiva do que jamais foi, como se não incubasse nos sulcos os germes de formas sociais novas. Mesmo quando ele se volta para o futuro, quando mostra “o trigo que cresce”, uma estreita inquietação conservadora fecha as verdadeiras perspectivas. O autor imagina que bastará reanimar na aristocracia rural o espírito do compromisso social e do patronato para deter as reivindicações dos assalariados da terra nas regiões dos latifundiários. Mas, será que ele espera que isso aconteça? O herói morre com o coração partido, e pode-se pensar que “o trigo que cresce” não chegará a amadurecer. Sem dúvida chegará o dia em que os romancistas, os poetas saberão amar, enxergar, fazer viver os camponeses do amanhã, aliviados, graças aos mecanismos e à ciência, de uma parte de seu fardo, indo através da associação à conquista da terra e mais capazes de dominar a natureza todos os dias graças ao espírito, de saborear a beleza cotidiana e de entender a beatitude sublime. Será do admirável espírito idealista de George Sand a última palavra. Baixo uma vasta aragem de poesia ondearão as novas colheitas.

Já agora, em intervalos e raios incertos, quebradiços, se manifesta, no mundo camponês, a vida do espírito; eu o escuto bem alto. Precisamente, M. Énée Boulloc, depois de retratar com traço vigoroso a competição dos ceifeiros para ver quem ata mais rápido os feixes de feno maduro, narra o torneio de canções que em seguida começam os rivais. E um desses canta um dos poemas do deleitoso e vigoroso poeta do Aveyron, o abade Bessou, que foi padre em Saint-André, não longe de Laguérie. É um poema extraído da literatura popular: *Dal brès à la toumbo* (Do berço à tumba). O abade Bessou traduziu em verso a lenda da *Gourg de la Sereno* (A poça da Sereia), que chama com o seu canto pérfido os jovens que vão à ceifa e os afoga risonha e gélida abaixo da transparência das águas. Deu-me muita alegria pensar “olha aí os camponeses de nossas rudes comarcas montanhosas cantando coisas belas. Não ficam mais satisfeitos com as canhestras toadas dos cantores de fêria. Eles preferem os cantos que traduzem o mistério de suas próprias vidas, o mistério da terra e das águas”. Mas pensei comigo, em seguida, que talvez se tratasse, no livro de M. Boulloc, de uma ficção complacente, habilidade do romancista, e propus-me lhe escrever para perguntar se realmente ele tinha ouvido os ceifeiros do Aveyron cantar essa linda canção, desprezando refrões estúpidos. Não precisei enviar a epístola, pois quando estava indo visitá-lo, no dia da feira, meus

amigos de Bourgnounac, do planalto que domina a passagem do rio Viaur indo para Aveyron, me informaram que, de fato, na região, mais de um agricultor cantava os versos de um dos mestres da língua meridional e, entre aqueles que eu perguntei, havia vários que também sabiam esses versos.

A partir do mundo camponês renovado pela ciência e pela justiça, comecei a sonhar com o florescimento da vida e do pensamento não mais local e fortuito como aquele que a presença de um grande poeta durante longo tempo imbuído na existência do povo propagou por um momento em umas quantas pobres freguesias, mas vasto como os horizontes modernos e permanente como a luz, ousado e livre como o pensamento das grandes cidades, fresco como o orvalho dos prados, saboroso como os frutos das árvores viçosas. Sim, o abade M. Bessou nos advertiu, no destacável prefácio do seu livro *las Besucarietos*, que esta cultura poética do povo camponês somente é possível dentro dos antigos marcos sociais, e, sobretudo, na língua antiga de nosso país d'Oc. Esta é uma grande questão que desejo discutir com ele no próximo artigo.

CULTURA CAMPONESA³

O abade M. Bessou fala com poética melancolia do abandono em que são deixadas progressivamente, mesmo no Sul, a linguagem e a literatura meridionais. Segundo ele, o seu livro rirá sozinho na solidão “como o velho caminho de Ginestel depois que fizeram a autoestrada”. Eu vou fazer a tradução e vocês solicitarão o livro se vocês mesmos querem rever “*lou biel caminol de Ginestel*”. “Pobre e velho caminho que tantas vezes percorri! Agora ninguém mais passa, bem se pode dizer ninguém; mas os passarinhos, nos arbustos e nos choupos, continuam cantando. Como passarinhos, minhas caras lembranças, assim cantam nesse livro. E quem sabe? O que dizem os cientistas é que, daqui a três ou quatro séculos, o camponês – sendo mais esperto – sentira crescer de novo a folhagem da sua alma, e se libertará dos enxertos contra natura que os afrancesados tinham imposto a ele”. Peço desculpas ao deleitoso escritor: mas já

³ Artigo publicado em francês na revista *La Dépêche de Toulouse*, nº 15.054, (27 setembro 1909). Disponível em <http://www.pyrenees-pireneus.fr/Culture/Langues/Jaures-et-les-langues-regionales-J.Lafitte.pdf> Acesso em 12 dez. 2014.

que ele se pergunta assim pelo futuro, arrisco-me eu também a fazer de profeta, e ousou dizer que não será dessa forma, através da rejeição da civilização e da linguagem francesa que florescerá e amadurecerá em nosso Sul a alma camponesa. Espero que ele não me chame de afrancesado.

Eu gosto enormemente da língua e das obras do nosso Sul, do Lemosim e do Rouergue até as regiões do Languedoque e da Provença. Gosto de ouvir nossa língua e também gosto de falar nela. Nas reuniões populares, os camponeses e os operários não gostam que a gente fale com eles só em patoá (desculpe a palavra, senhor abade: ela faz parte do falar camponês): isso pressupõe que a gente pensa que eles não compreendem o francês. Mas eles gostam muito quando, tendo falado em francês a eles, a gente se dirige também usando nossa língua do Sul. Isso cria entre quem fala e as pessoas que escutam uma intimidade mais estreita e, às vezes, me parece que assim se atingem certas fibras profundas.

Porém o movimento que afrancesa costumes, linguagem, instituições, ideias é irresistível e irrevocável. E o único meio de salvar o que o patrimônio meridional tem de fascinante será unindo-o à mesma cultura francesa. Assim o entendo eu. O abade M. Bessou constata que não existe cultura familiar e profunda para um povo além daquela que se exprime na linguagem do dia a dia. Só as palavras pronunciadas desde a infância, associadas às primeiras impressões dos sentidos, às primeiras emoções do espírito e da alma têm a repercussão adequada e profunda cuja mágica conhecem os verdadeiros poetas. Certo, e aí está porque precisamos que todo o povo da França esteja familiarizado desde os primeiros dias com a língua francesa. Resulta fácil zombar dos “afrancesados”, e estaria certo fazer deboche deles se apenas perseguissem esse primeiro objetivo tolo e grosseiro. É necessário trabalhar, ler, estudar, até que a prática do francês mais certo e mais puro se torne familiar. Um povo não pode pretender verdadeiramente atingir a civilização até que todos os seus cidadãos, mesmo aqueles que se dedicam aos trabalhos mais rudes, sejam integrados através da maior riqueza de uma nação que é o tesouro da linguagem. Só então poderá nascer uma cultura autenticamente popular e autenticamente nacional.

O abade M. Bessou tem razão ao admirar o movimento literário meridional: a esse respeito, ele fala com grande liberdade, já que coloca entre os mestres nomes como o de Fourès, que lançou contra a opressão católica poderosos gritos de revolta, e o de

Aubanel, cuja obra parece encantada pela beleza helénica e fremente de sensualidade pagã. Mais esse movimento não é nem espontâneo nem verdadeiramente popular. Não é espontâneo, pois não saiu de uma tradição meridional contínua e profunda. Mistral constata que durante o século dezessete e dezoito não houve nenhum grande poeta provençal que escrevesse em francês. E explica essa improdutividade dizendo que nenhum poeta pode cantar bem se não em sua língua. Mas com Louis XIII, Louis XIV, e Louis XV, a Provença também não forneceu grandes e verdadeiros poetas em provençal. Confesso não conhecer nenhum. E ainda acrescento que o poeta languedociano Goudouli, tão conhecido na cidade de Toulouse, foi para mim uma decepção. Pareceu-me um poeta da corte que substituiu o Louvre parisiense pelo Capitole de Toulouse. Foi aluno dos jesuítas, que eram latinistas excelentes, e lendo a sua obra me parece que ele compõe versos em patoá como antes tinha feito com os versos em latim: é engenhoso e delicado, tem uma falsa familiaridade sem força nem seiva reais. Ai de mim! O povo de Toulouse poderá perdoar essa blasfêmia? Peço-lhes que comparem Goudouli e Fourès, e verão a diferença entre o retórico hábil e o poeta potente.

De fato, foi o acontecimento mais central da França, o mais amplamente francês, me refiro à Revolução francesa, o que suscitou o renascimento literário do Sul. Isso não é nenhum paradoxo; não esqueço que a Revolução aboliu os vestígios de autonomia das províncias, mas só derrubou barreiras carcomidas e privilégios ultrapassados; e graças ao estremecimento universal que comunicou ao espírito, graças ao valor que a Revolução deu a todas as forças populares, fez crescer entre os homens tanto o sentido do passado como o do futuro. De lá vem o verdadeiro espírito histórico que reencontra a vida de gerações extintas. Sob essa influência vivificante começaram as primeiras pesquisas eruditas que reanimaram o passado literário da Provença e do Languedoque e despertaram nos jovens a ambição de compor, por sua vez, no velho idioma renovado. A faísca do fogo da lareira central fez possível o renascer literário do Sul. E o abade M. Bessou comete um contra sentido histórico, quando na sua visão do futuro, separa a civilização da língua d'oc da grande civilização francesa.

Mas ainda tenho muitas coisas a dizer sobre o caráter “popular” de nossa literatura meridional e sobre as condições reais de uma verdadeira cultura popular do povo camponês.

POÉZIA MÉRIDIONAL E CAMPONESES⁴

Definir o que se entende por poesia popular ou mesmo pesquisar se até aqui, na história do espírito humano, existiu verdadeiramente uma poesia popular, seria uma iniciativa enorme e difícil. Eu inclino-me a pensar que o duro regime oligárquico que, sob formas diversas, manteve a massa humana na dependência, na ignorância e na miséria, nunca permitiu que a poesia e a arte atingissem realmente as camadas inferiores. É claro que o povo oprimido teve dons maravilhosos de imaginação, e até um instinto genial de ritmo e forma. Mas nunca na vida esmagada e pobre da multidão a arte pôde fazer sentir amplamente sua força soberana, feita de liberdade, de luz, de alegre ascensão e de orgulho interior. Só em uma sociedade nova e verdadeiramente humana, a arte será uma força repleta de humanidade; é necessário que a vida de todos os homens se eleve para que todos possam reconhecer e prolongar na arte a vibração da própria vida. A arte popular ou, melhor, a arte humana será a flor sublime e recente de uma nova ordem social.

Em todo caso, seria uma ilusão estranha e perigosa imaginar que bastou com que o grupo dos félibres, poetas languedocianos ou provençais, escrevesse em patoá, na fala habitual dos camponeses, para criar uma poesia autenticamente popular. Também não basta ter como cenário o horizonte familiar do Sul, ou ter traduzido em verso algumas cenas da vida camponesa. De fato, não foi estabelecida uma ampla comunicação entre esses poetas, habitualmente grandes artistas refinados, e o povo trabalhador. No seu conjunto, os camponeses de nossas montanhas e vales não conhecem os grandes poetas do Félibrige assim como os operários das periferias mais pobres das cidades industriais nem conhecem nem compreendem Alfred de Vigny e Baudelaire. Cabe salientar que eu não faço disso uma reclamação aos poetas do Sul. Baixo pena de cair na banalidade mais deplorável e pobre, eles não podiam esquecer que eram os herdeiros artísticos de toda a cultura latina. Não podiam livrar-se da complexidade, das sutilezas, do

⁴ Artigo publicado em francês na revista *La Dépêche de Toulouse*, n° 15.060, (03 outubro 1909). Disponível em <http://www.pyrenees-pireneus.fr/Culture/Langues/Jaures-et-les-langues-regionales-J.Lafitte.pdf> Acesso em 12 dez. 2014.

pensamento francês contemporâneo. E, às vezes, parece que o leitor encontra neles nuances, reflexos da poesia decadentista ou simbolista.

Assim, por exemplo, n'A *Vigília*, peça penetrante e excelente, de Anselme Mathieu, há uma estrofe que não pode ser entendida por aqueles que tenham só a sensação imediata das paisagens: “Olhando para a noite que descende sem lua sobre a tarde de Arles e a poeira do tempo que se levanta e remoinha sobre todos os cumes” (*En regardant la niue que davallo sens luno / sus lou vèspre arlaten / e la pousco dou tems / que mouto e revoulumo/ en touti li cresteu*). Parece quase de Stéphane Mallarmé. Igualmente, na peça de amor *A Aparição*, encontramos algumas sensações e imagens refinadas e complexas: “Ela parece-me bela como um dia de sol e de amor, e linda como uma noite onde todo rumor se desvanece” (*Me semblo bello coume un jour / de soulèu e d’amour / e poulido / coume uno niue, touto rumour/ esvalido*). Não conheço nada que seja mais penetrante, mais suave, mais deleitosamente macio, nada que nos afaste melhor da brutalidade das coisas, que o trecho de Jules Boissière, onde o fêlibre conta “o que ele viu nos infernos, na floresta assombrada”. Uma nota realmente original; pois não é nem a escuridão sensual do inferno da *Odisseia*, nem o esplendor sereno e melancólico dos Campos Elíseos de Virgílio, mas sim uma descoloração estranha e misteriosa de todos os tons, de todos os pensamentos, de todas as emoções. “Um país pálido, uma floresta crepuscular. O ar da tarde é claro e tranquilo sobre os galhos. O céu branco está banhado por uma estranha claridade, que não vem do sol e não vem das estrelas” (*Que ven pas dou souleu e ven pas des estello*). “País pálido onde nada muda, onde nada murcha, terra que não conhece nem a morte nem a vida, onde nada germina e nada se desfolha, um país languidesceste, com cheiro de rosas enfermas” (...*Un país en languisoun que sen la rose amalautido*).

Não pretendo que esses versos não possam ser “populares”, em um sentido profundo. É possível que algumas sensações experimentadas pelos camponeses nas horas incertas do crepúsculo tenham, se assim posso dizer, uma sorte de preparação ao mistério desses versos, um ponto por onde a sutileza se insinue na alma. Também é possível que esses homens, depois de ter trabalhado abaixo do sol brutal, durante dias e dias, depois de ter sofrido nas suas vidas, nos seus esforços, a lei imperiosa das estações, sintam um prazer misterioso ao descansar nesse país de sonho que representa, pela suavidade sem viço e imóvel, o contrário de suas próprias vidas. Não discuto isso.

E me inclino a acreditar que as almas humanas mais simples têm riquezas insuspeitáveis. A rude floresta tem nuances maravilhosamente delicadas e ternas. Estou convicto que a arte do futuro, para se dirigir verdadeiramente a todos os homens, não se reduzira a fórmulas singelas e pobres. O som do violino, ao mesmo tempo profundo e tenro, patético e sutil, conduzirá a dança dos espíritos e das almas.

Mas ainda é necessário que o povo camponês seja elevado até um patamar cultural que lhe permita refletir sobre si e sobre as coisas. A natureza não pode ser realmente compreendida e apreciada, no seu esplendor do verão ou na sua melancolia do outono, até que o espírito, de alguma forma, se eleve por cima da própria natureza. Quando o espírito está afundado, ou pela ignorância, ou pela miséria, ou por esse sentimento de dependência contínua que acompanha as vidas muito difíceis e duras, ele se contenta com estar em contato permanente com a natureza e não a conhece. Ele perde interesse pelo alto esforço artístico que precisa para traduzi-la, apesar de que a arte afete as formas da linguagem do povo.

Há trinta anos (quantas vezes se pôs o sol desde então!), tive a fortuna de assistir em Albi ao banquete do Félibrige presidido por Frederic Mistral. Lá estavam a sociedade aristocrática da cidade, burgueses abastados, padres e alguns “intelectuais”. Os operários e os camponeses não estavam, não por desdém ou hostilidade, mas por indiferença: eles simplesmente não sabiam. Nenhuma vibração ampla e profunda tinha chegado até eles; e se o povo, às vezes, pensava nesses artistas que cinzelavam rimas no linguajar patoá era como amadores que se divertem esculpindo as pedrinhas do caminho. A poesia meridional não fez tudo o que poderia ter feito para elevar ao seu nível, que é de enorme qualidade artística, o povo camponês. Cometeram-se dois erros. Primeiramente, essa poesia não compreendeu que devia ser solidária com a grande cultura francesa, e que ela não se tornaria realmente acessível para o povo se aquele não conhecesse e disfrutasse a grande literatura da França. Foi Lamartine o primeiro que publicou a glória de Mistral. Para que os trabalhadores possam compreender verdadeiramente a arte erudita de Mistral, de Aubanel e de Félix Gras, precisa que eles consigam compreender as obras de Racine, Lamartine e Hugo. Qualquer que não seja capaz de gostar do *Jocelyn* de Lamartine, não gostará da *Mireia* de Mistral.

O Félibrige deveria ter-se desenvolvido com muita mais força acompanhando a ampliação das escolas populares e da cultura francesa nessas escolas. Para que a língua

meridional cesse de parecer ao próprio povo como “um patoá”, ou seja, como uma língua inferior, expulsa das grandes ideias universais e das grandes ambições humanas, é conveniente que aprendam a apreciar nas obras-primas da língua francesa a beleza clássica e que possam assim reconhecer na literatura meridional renovada uma forma original, uma expressão distinta do gênio herdado de Roma e da Grécia pela França no seu conjunto e pela França meridional. A escola popular francesa, levantada, enobrecida pelo trabalho, pela ascensão social do povo operário e camponês, salvará do naufrágio a literatura do Sul. Cessará de ser um patoá quando as pessoas sentirem o interesse suficiente pela língua francesa como para que os professores queiram, aqui no Sul, despertar a curiosidade da comparação entre o francês e o “patoá”, que conduz ao vasto círculo da civilização geral; quando as pessoas receberem a beleza das obras-primas francesas com força suficiente como para gostar de compará-las com as obras mais delicadas dos mestres do Sul; então, e só então, o admirável trabalho do renascimento meridional estará salvo do naufrágio.

Então todo o Sul, civilizado nos seus alicerces, ficara feliz praticando junto ao francês, como uma nota ao mesmo tempo distinguida e harmoniosa, a linguagem meridional, vibrante de arte e de pensamento elevado. O abade Bessou, ao prever uma ressurreição do patoá em detrimento do francês, cai de novo em um dos mais graves erros do Félibrige, um erro que ameaça o futuro mesmo da literatura meridional. Porém os artistas meridionais cometeram um segundo erro que tange à questão social no seu conjunto.

A EDUCAÇÃO POPULAR E OS PATOÁS⁵

Um no atrás, no lazer do nosso recesso parlamentar, eu tinha discutido a tese daqueles que pensam que é possível reviver na França uma civilização meridional autônoma e fazer da língua e da literatura do Languedoque e da França um grande instrumento de cultura. Considero ter estabelecido que há aqui muito de quimérico, já que a língua e literatura da França agora são, e serão cada vez mais, o meio essencial de

⁵ Artigo publicado em francês na revista *La Dépêche de Toulouse*, n° 15.727, (15 agosto 1911). Disponível em <http://www.pyrenees-pireneus.fr/Culture/Langues/Jaures-et-les-langues-regionales-J.Lafitte.pdf> Acesso em 14 dez. 2014

civilização para todos os franceses e o projeto meridional não tem o caráter “popular” e espontâneo que pretendia ter; já que esse projeto foi em boa medida a obra premeditada de um grupo de burgueses cultivados, imbuídos pelas letras clássicas, que tinham reencontrado e revivido, tanto através da erudição como da inspiração, fontes adormecidas durante muito tempo. Eu acrescentaria que a criação literária desses homens frequentemente produziu obras refinadas; extensas e virgilianas, mas com a influência forte da tradição pagã no caso de Fourès; amorosas, alegres e apaixonadas, mas de corte e relembração helénica no caso de Aubanel; e que só aqueles que conheciam as trilhas do Parnaso e do Olimpo poderiam saborear todo o encanto das veredas sinuosas da poesia meridional que correm como guirlandas ao longo dos grandes caminhos gloriosos.

Mas eu dizia também, com uma força de convicção que não faz mais que crescer, que esse movimento do gênio meridional poderia ser colocado ao serviço da cultura do povo do Sul. Por que não aproveitar que a maioria das crianças de nossas escolas ainda conhecem e falam isso que chamamos com o nome grosseiro de “patoá”. Isso não significaria sermos negligentes com o francês: mas sim aprendê-lo melhor ao compará-lo familiarmente no seu vocabulário, sintaxe, nos seus meios de expressão, com o languedociano e com o provençal. Seria, para o povo do Sul da França, o sujeito de estudo linguístico mais vivo, mais familiar, mais fecundo.

Desse modo, se exercita essa faculdade de comparação e raciocínio, esse costume de enxergar entre dois objetos vizinhos as semelhanças e as diferenças, que constituí a mesma base da inteligência. Assim também, o povo de nossa França meridional conhece um sentimento mais direto, mais íntimo, mais profundo de nossas origens latinas. Mesmo sem aprender latim, ele seria induzido, pela comparação sistemática do francês e do languedociano ou do provençal, a entrever, a reconhecer o fundo comum de latinidade de onde emanam o dialeto do Norte e o dialeto do Sul. Ficariam iluminados séculos de história e, inclinados sobre esse abismo, escutaríamos o murmúrio distante das fontes profundas.

Tudo aquilo que dá profundidade à vida é um bem imenso. Assim desperta na alma o sentido do mistério, que é para muitos o sentido da poesia. E essa recebe uma dupla e grandiosa lição de tradição e de revolução, já que, nesta coisa tão prodigiosa e ao mesmo tempo tão familiar como é a linguagem, se encontra a revelação onde tudo

subsiste e se transforma. A fala de Roma desapareceu, mas permanece no linguajar de nossos camponeses como se as pobres cabanas deles estivessem construídas com as pedras dos palácios romanos. Da mesma forma, isso que é chamado de “patoá” torna a elevar-se magnificado.

Resultaria fácil para os educadores, para os professores das nossas escolas mostrar como, no século XII e XIII, o dialeto do Sul era uma linguagem nobre e cortês, de arte e poesia; como ele perdeu o governo dos espíritos por causa da primazia política da França do Norte, mas que nele ainda subsistem maravilhosos recursos. Ele é um dos ramos daquela árvore magnífica que cobre com suas folhas sussurrantes a Europa do sol, a Itália, a Espanha e Portugal. Qualquer um que conheça bem nosso languedociano e se atente a partir de alguns exemplos das particularidades fonéticas que o distinguem do italiano, do espanhol, do catalão, do português, estará pronto para aprender rapidamente uma dessas línguas. E, mesmo se não as aprende, sentir essa fraternidade da linguagem entre os povos latinos como um alargamento do horizonte. Essa fraternidade é muito mais visível e sensível nos dialetos do Sul do que na língua francesa, que é irmã das outras línguas latinas, mas uma irmã um pouco disfarçada, uma irmã “que fez a viagem a Paris”. A Itália, a Espanha e Portugal avançam para os mais altos destinos, para conquistas magníficas de civilização e liberdade. Que alegria, que força para nossa França do Sul se, graças ao conhecimento racional e reflexivo de sua própria língua e através de algumas comparações bem simples com o francês, por um lado, com o espanhol e o português, por outro, sentisse na própria medula a solidariedade profunda de sua vida com toda a civilização latina!

Nos poucos dias que passei em Lisboa, me pareceu, mais de uma vez, ao escutar nas ruas as vivas conversas e os gritos alegres do povo, ao ler os cartazes das lojas, que estava passeando por Toulouse. Mas por uma Toulouse que tinha se mantido como capital, que nunca tinha sofrido na sua língua a derrota histórica e que tinha conservado, nas fachadas de seus prédios, assim como nas vitrinas das mais modestas lojas, desde os mais gloriosos aos mais humildes letreiros, as palavras de antigamente, populares e régias. Ao sentir-se em comunicação com a beleza clássica através das obras dos seus poetas, ao sentir-se em comunicação pela sua própria substância com as mais nobres línguas dos povos latinos, a linguagem da França meridional ganhará uma renovação de orgulho e de vida. Nosso languedociano e nosso provençal não são mais do que baías

desertas, onde não passa mais o grande comércio do mundo; mas elas se abrem sobre o imenso mar das linguagens e das raças latinas, sobre aquela “senhoria azul” da qual falou o grande poeta de Portugal.

Precisamos ensinar às crianças a facilidade dessa passagem e mostrar-lhes, por cima da barreira um pouco acanhada, a ampla abertura do horizonte. Gostaria que os docentes, em seus Congressos, submetessem essa questão a estudo.

Em Lisboa escrevi estas linhas, no momento de partir para uma longa viagem, onde reencontrarei da outra margem do Atlântico, o gênio latino em pleno florescimento. Desde a ponta da Europa latina, eu envio a nossa França meridional este pensamento filial, este ato de fé no futuro, estes votos de enriquecimento da França no seu conjunto para uma melhor aplicação das riquezas do Sul latino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias para a tradução dos artigos:

BRUMMERT, U. **L’universel et le particulier dans la pensée de Jean Jaurès: fondements théoriques et analyse politique du fait occitan**. Tübingen: Narr, 1990.

LAFITTE, Jean. Jean Jaurès et les “langues régionales”, 2011. Disponível em:

<http://www.pyrenees-pireneus.fr/Culture/Langues/Jaures-et-les-langues-regionales-J.Lafitte.pdf> Acesso em: 11 dez 2014.

www.bibliotheque-diderot.fr/bibliotheque-numerique/revue-de-l-enseignement-primaire-1890-1929--122022.kjsp?RH=3BIBDD-05 Acesso: em 20 dez 2014.

www.jaures.info Acesso em: 15 dez 2014.